

Carolina de Jesus e sua “imagem” nas revistas do fim dos anos 50 e início dos 60

Arthur Oliveira Basso
Maria Eduarda Boa Ventura Ferreira
Maria Eduarda Borges Mota¹
Orientador: Prof. Henrique Camargo Alevate²
Coorientadora: Prof. Roselaine Freitas³

Resumo: Este artigo examina o viés e os estereótipos pelos quais as revistas ilustradas da época acompanharam o enorme sucesso de Carolina Maria de Jesus, a escritora-favelada, e seu livro “Quarto de Despejo”.

Palavras Chave: Carolina Maria de Jesus. “Quarto de Despejo”. Revistas ilustradas brasileiras.

Abstract: Carolina Maria de Jesus’ autobiographical book, “Quarto de Despejo” (The Trash Room), depicted the harsh life of the slums was a huge bestseller. This article examines and discusses the bias of Brazilian illustrated weekly magazines on the book and its author.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. “Quarto de Despejo” (The Trash Room). Brazilian magazines.

1. Introdução - A descoberta do fenômeno “Carolina de Jesus” em torno a 1960: a importância das revistas nessa época.

Existe farto material na mídia sobre Carolina de Jesus (14/3/14 – 13/2/77) (abreviaremos por CdJ) e sobre seu livro “Quarto de Despejo” (abreviaremos por QdD), por isso não nos estenderemos sobre aspectos já muito conhecidos por todos.

O livro, hoje redescoberto e grande *best seller*, foi um enorme fenômeno editorial quando lançado em 1960, tornando sua autora, a favelada Carolina de Jesus, a mais celebrada personalidade literária de então. “Livro que, se não fala em língua literária, se expressa no poderoso dialeto da miséria” (Leitura, RJ, set. 1960). Essa é a opinião de Jorge Amado sobre o livro, em uma página do jornal que expressa a aprovação de vários outros escritores como Aníbal Machado e Moacir Lopes. Uma mostra da recepção e reconhecimento deste trabalho da autora.

“Quando [...] não tinha o que comer, em vez de xingar [...] escrevia” (JESUS, 2014, p.194). São trechos como esses, denúncias precisas e contundentes, que conduzem o leitor ao mundo de CdJ, uma realidade identificada por muitos, porém sem uma voz que contasse a sua história:

¹ Alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Souza Gouveia, São Paulo-SP.

² Professor de História e Filosofia do Colégio Souza Gouveia. Formado em História e Filosofia.

³ Professora de Língua Portuguesa e TCC do Colégio Souza Gouveia. Formada em Letras e Pedagogia.

O que pode intrigar leitores mais jovens é o título. Quarto de despejo era uma realidade muito conhecida na época: era um cômodo (a imensa maioria das pessoas ainda moravam em casas) no qual as famílias lançavam (para não jogar fora) de qualquer jeito os objetos velhos e fora de uso, os trastes. Carolina de Jesus, moradora da favela do Canindé em São Paulo, usa esse título como uma metáfora da própria favela: o lugar onde a sociedade descarta os miseráveis e os confina longe dos lugares de “gente bem”.

CdJ, mulher negra, muito pobre e com apenas dois anos de escolaridade, foi revelada por um conhecido jornalista da época, Audálio Dantas (1929-2018), que passou alguns dias, em maio de 1958, fazendo uma reportagem na favela do Canindé. Lá se deparou com CdJ, uma moradora, que “vivia” de catar papel e que registrava a miséria de sua condição em diários e outros escritos, reunidos em mais de 20 cadernos velhos que encontrava em suas andanças diárias. Imediatamente Audálio viu o enorme potencial literário da autora, e publicou inicialmente um artigo em 9-5-1958 na “Folha da Noite” (DANTAS, 1958), relatando sua descoberta.

Audálio achou-a por acaso. Estava acompanhando a movimentação num canto da favela quando viu Carolina sair do barraco em que vivia para esbravejar com garotos que não deixavam as crianças usarem os brinquedos instalados pela prefeitura no lugar. “Vou botar o nome de vocês no meu livro!”, gritava.

A curiosidade o fez se aproximar para conversar, e Carolina o levou até o cômodo em que morava com os três filhos. No armário, havia dezenas de cadernos preenchidos com sua caligrafia caprichada. Eram diários, romances, poemas e histórias curtas, que ela escrevia desde os anos 1940 (BALTHAZAR, 2021).

A Profa. Dra. Fernanda Miranda, membro do Conselho Editorial da reedição das obras de CdJ, faz notar que, por volta de 1960, as favelas eram realidades histórico-sociais recentes em São Paulo, registrando-se apenas cinco em toda a extensão da cidade (TV BRASIL, 2020).

Em sua dissertação de mestrado, a pesquisadora descreve uma importante característica da favela do Canindé, onde CdJ morou: estar localizada “literalmente no meio do desenvolvimentismo e das ideias de progresso efervescentes na década de 1950” (MIRANDA, 2013. p.14). Morar lá, significava uma fase, um período transitório para os muitos migrantes que vinham para São Paulo, até encontrarem uma solução mais adequada.

Mas o verdadeiro impacto da descoberta de CdJ veio em um outro texto de Dantas, desta vez, em um longo e amplamente ilustrado artigo (21-06-1959) na mais importante mídia impressa de divulgação da época, a famosa revista “O Cruzeiro”, então em seu auge de prestígio e penetração nacional.

(...) Alguém viu os seus escritos e disse que eram bons, que ela procurasse os jornais. Carolina iniciou uma peregrinação pelas redações, mas nem sempre encontrava alguém com disposição para ler os seus cadernos. Dos jornais passou às editoras. Nunca chegou a ser recebida. Desistiu, mas não parou de escrever. Por necessidade de dizer algo ao mundo, gritar aos ouvidos surdos do mundo. Seu barraco está cheio de cadernos velhos, empoeirados. Cheio de gritos roucos dos favelados (...).

Para completar este quadro introdutório, valem alguns comentários sobre a importância das revistas da época, sobretudo a acima mencionada “O Cruzeiro” e sua principal concorrente “Manchete” (como é lógico, neste trabalho, oportunamente valer-nos-emos também de outras revistas daquele tempo).

É importante observar que, naquela época, quando a televisão estava somente em seu início e era muito rara (o aparelho custava muito caro e estava disponível em poucos lares), as revistas ilustradas, principalmente as que aqui selecionamos, constituíam-se como as principais fontes de informação “leve” para o público, especialmente o feminino (a forte influência dos jornais estava reservada mais para os homens), pautando a informação e os modos de vida em geral. Precisamente de “O Cruzeiro” e “Manchete”, afirma Mariana Braga Clemente, em sua dissertação de mestrado, que eram elas que a partir da moda participavam da construção de todo o modo de viver da sociedade.

Dispondo sempre da moda e seu consumo como ponto de partida (ou de chegada), nosso trabalho passou a abarcar tantos aspectos da vida, como os hábitos, as interações e relações intersubjetivas, e mesmo de tipo taxinômico como os papéis sociais, que assim não há como deixar de afirmar que o fazer da moda seria sobre a construção mesma desses modos de viver em nossa sociedade.

São esses modos: os modos de alimentar-se (o que comer, onde comer, como vestir-se para comer, o que beber, como e com quem beber e, mais ainda, como alimentar-se ou não alimentar-se para ter o corpo “da moda”); os modos de cuidar-se (a maquiagem, o desodorante e o perfume para o convívio social, os remédios e artifícios para ter-se o corpo desejado e desejável, etc.); os modos de organizar-se (como e com o que cuidar da casa, mantendo-a asseada, como lavar as roupas, os novos serviços a serem utilizados, ou mesmo como investir e poupar o seu dinheiro); os modos de divertir-se (como desfrutar de seu tempo livre e de seu salário ganho, o que ler, o que assistir, para onde e como viajar, etc.); e os modos de vestir-se (roupas para o trabalho, para o passeio ou para a festa, para ir ao banco ou ao salão, para ir ao restaurante, para viajar, etc.), (CLEMENTE, 2015, p. 292-293).

Como se sabe, frequentemente a mídia (especialmente a mídia de entretenimento, como as mencionadas revistas, mais do que com a realidade objetiva, está preocupada com a imagem que vai “vender”, adaptando-a ou distorcendo-a para adequá-la ao mercado. Guardadas as devidas (e relevantes) distâncias, podemos lembrar que a criação da celebridade instantânea, construída pela mídia (e logo cruelmente por ela descartada) é muito visível no filme musical “Chicago” (2002, detentor de vários Oscars e indicações), que precisamente caricaturiza esse tema.

Alguns aspectos da criação da “personagem” CdJ em detrimento da pessoa real serão objeto dos próximos tópicos deste artigo.

2. O nome Maria e alguns outros tópicos na “imagem” de CdJ na mídia da época.

2.1 O nome de CdJ.

Começamos por um pequeno detalhe, um lapso talvez sem maior importância, mas que é um fator a mais a indicar que CdJ é tratada mais como um produto de mídia do que como uma pessoa real. O nome de nossa autora é Carolina Maria, mas muito frequentemente vem grafado erroneamente, substituído por Maria Carolina. Naquela

época, esperava-se que o primeiro nome de uma mulher fosse Maria. Precisamente em 1959, João Gilberto lançava sua canção de sucesso: “Maria Ninguém”, dizendo que todas são Marias, mesmo que Maria Ninguém: “Eu não sou João de nada, Maria que é minha é Maria Ninguém...”

Para o “tipo”, o estereótipo da negra favelada, é mais adequado que seu primeiro nome seja Maria e assim é grafado já no primeiro parágrafo do próprio famoso artigo de Audálio Dantas em “O Cruzeiro, RJ, 02.06.1959”. A mesma revista repete o erro alguns meses depois (O Cruzeiro, RJ, 08.08.1959). Uma pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional revela que nos anos 60 o nome da autora é grafado desse modo equivocado mais de 100 vezes pela imprensa!

2.2 A demagogia dos políticos.

Logo que CdJ explode como fenômeno de mídia, imediatamente começam as explorações sobre a autora e o tema levantado – a realidade da fome no Brasil – que os governantes prefeririam esconder, varrendo para debaixo do tapete.

Depois do relançamento de QdD, “O Cruzeiro” publica, em 15.10.1960, reportagens sobre as mulheres dos candidatos à presidência da República: Dona Leonor e Dona Eloá (respectivamente, esposas de Adhemar de Barros e de Jânio Quadros, respectivamente). Ambas se dizem muito preocupadas com o problema das favelas e Leonor declara “estar empolgada” com o livro de CdJ: “O problema da favela a preocupa e está empolgada com o livro escrito pela favelada Carolina de Jesus”.

Em reportagem (10-09-1960) sobre o espetacular lançamento de QdD (19-08-1960), com concorridíssima tarde de autógrafos, lemos que um dos presentes era o ministro do trabalho Batista Ramos. Quando chegou sua vez de receber o autógrafo, “prometeu, atendendo à solicitação de uma comissão de jornalistas, um financiamento (IAPC) de uma casa própria para Carolina” (O Cruzeiro, RJ, 10.09.1960). Não consta que a promessa tenha se realizado...

Nos embates políticos, a oposição esgrime a obra: “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus e a greve dos bombeiros desmoralizaram o mito do governo de prosperidade do Sr. Carvalho Pinto (O Imparcial, RJ, 31-1 a 7-2 de 1961).

2.3 O racismo brasileiro hipócrita, disfarçado de aceitação do negro.

A revista “Realidade” (dezembro de 1966) traz uma interessantíssima observação sobre o racismo encoberto do brasileiro, que afeta “democracia racial”:

(...) não há um carioca que não receba Clementina de Jesus de braços abertos. Nem que seja por esnobismo, porque também é esnobe cultivar a democracia – e isso, reconheço, é vício mais nosso que paulista. Mas e a Carolina de Jesus, que é que vocês fizeram com ela? Está outra vez apanhando papel. Se entrou em tua casa foi pela porta dos fundos para entregar a roupa lavada.

A própria filha de CdJ, Vera Eunice, relata que a mãe, mesmo no momento de ascensão de sua carreira, foi impedida de entrar em um famoso restaurante no bairro do Gonzaga, em Santos, o Hi-Fi (TV BRASIL, 2020). Na ocasião, vários famosos foram celebrar a conquista de Anselmo Duarte, diretor do filme “*O Pagador de Promessas*”, vencedor do festival de Cannes em 1962. Após uma festa em carro aberto nas ruas de Santos, ainda eufóricos com a conquista da Copa do Mundo de

futebol (Blog Memória Santista, 14.03.21), vários famosos desceram a serra para o evento, dentre elas CdJ. Mas a autora foi impedida de entrar no estabelecimento, sob a justificativa de não ser permitida a entrada de pessoas negras. Esse episódio marca não apenas um deplorável caso de racismo, mas simboliza uma recusa em reconhecer o sucesso da autora, ao mesmo tempo que a discriminação, seja de forma direta ou disfarçada, continuava a reproduzir uma herança racista que estruturava (ou estrutura) a sociedade brasileira.

Esse foi também o caso em que a ingenuidade de CdJ foi usada para um evento especialmente repugnante por sua hipocrisia: a promoção de uma noite de debutantes negras em Campinas (Manchete, RJ, 28.10.1961).



Tendo como madrinha a ex-favelada Maria Carolina de Jesus, autora do livro “Quarto de Despejo”, e como padrinho o comerciante Valter Barraquet, director do Clube dos Lojistas, debutantes negras iniciaram, em Campinas, sua vida social com uma cerimônia simbólica: a troca dos sapatos rasos pelos primeiros de saltos altos. Local da festa: Clube 9 de Julho.

Mas a realidade se impõe. Mesmo depois de morta, as obras de CdJ continuam sendo um libelo contra a hipocrisia do brasileiro. Em 04-09-1982, “Manchete” publica o comentário de um crítico francês:

As derradeiras observações da escritora favelada Maria Carolina de Jesus começam a provocar no leitor francês mais do que pura comiseração. Cinco anos após seu desaparecimento, a autora de *Le Dépotoir* (Quarto de Despejo) é novamente projetada à atualidade

literária e editorial francesa com o lançamento de *Le Journal de Bitita* (Ed. A. M. Métaillie). Após a leitura da obra, o respeitado crítico literário Conrad Detrez setenciou: “A obra de Carolina denuncia a hipocrisia de um Brasil que se diz detentor da patente da democracia racial, mas onde os negros, com ou sem carnaval, continuam a chafurdar nos quartos de despejo”. Veredicto grave e um convite urgente à reflexão e releitura do trágico instantâneo captado por Carolina. (Hélio Carneiro – Sucursal Paris).

Uma das principais pesquisadoras da atualidade sobre o tema do racismo no Brasil, a historiadora Raquel Barreto, observa que, apesar de não ser considerada propriamente uma ativista – o que não diminui a visão política da situação da mulher negra –, CdJ é uma referência para o ativismo das novas gerações (BARRETO, 2021). A maior contribuição nesse sentido foi conquistar o reconhecimento da literatura periférica como literatura. Assim, novas expressões culturais e artísticas, sobretudo de resistência, produzidas pela mulher preta na periferia, seguem a denunciar esta hipócrita democracia racial.

3. O estereótipo da imagem: CdJ com o lenço na cabeça

Parte importante da imagem construída da “personagem” CdJ é o lenço usado por ela na cabeça.

A revista “Manchete” de 2.12.1961, noticiando a ida de CdJ a Buenos Aires para o lançamento de seu livro em espanhol, dá uma importante indicação sobre a “imagem” proposta (ou por vezes imposta) à escritora, quando diz: “bem vestida (e sem o tradicional lenço na cabeça)”.



(Manchete, RJ, 2.12.1961)

Essa edição em espanhol, diga-se de passagem, nos faz retornar ao tema de esconder a miséria. Dois números depois (na edição de 16-12-1961) a revista registra o protesto de uma leitora contra a tradução de QdD para o espanhol: “Fico triste vendo nossas misérias descritas em outro idioma”! (Manchete, RJ).



“O Cruzeiro” (06-05-1961) A atriz Ruth de Sousa interpretou CdJ na versão para teatro de QdD

Mas voltemos ao lenço na cabeça. A esse respeito são dedicados três importantes depoimentos no documentário ‘Caminhos da Reportagem’, da TV Brasil, a partir de 19:40m:

Cada vez que eu vejo uma homenagem à Carolina que eu a vejo na foto com lenço, eu já sei que ali é um lugar em que ela não está [...] o lenço era o lugar de subanternidade em que colocavam Carolina; não era somente um adorno, era a algema de Carolina (Rejane Barcelos “Rainha do Verso”).

Minha mãe era muito vaidosa, ela gostava de se pintar, de usar colares (...) ela sempre gostou muito disso. (Vera Eunice, filha de CdJ).

E a gente pega isso nos textos dela dizendo que em alguns momentos ela era obrigada a ir em determinados lugares da forma [lenço e mal vestida] como se imaginava, que se esperava de uma moradora de uma favela. (Raquel Barreto, curadora do Instituto Moreira Salles); (TV BRASIL, 2020).

O lenço na cabeça da mulher negra traz em si, dentro de um recorte histórico, o simbolismo de um apagamento de identidade: o cabelo que era inaceitável pela estética imposta por padrões brancos. O lenço funcionava como uma marca da escravidão, um lembrete de que mesmo livre esta mulher continuava subalterna, uma vergonha que precisava ser escondida. Tinha também uma função – explicada anteriormente, semelhante ao nome “Maria” – de igualar as mulheres negras e pobres, ou melhor, suplantando as diferenças que formam a sua identidade.

Um trabalho bastante interessante – *“Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade”* (SANTOS, 2019) – aborda essa relação entre o cabelo da mulher negra e a construção da sua identidade desde a sua construção histórica e social de racismo e discriminação, até o Black Power como um símbolo de resistência do partido dos Panteras Negras nos EUA. Além disso, traz uma abordagem contemporânea em torno da transição capilar, sobre como ela pode ressignificar essa questão do cabelo crespo.



(CdJ – O Cruzeiro, RJ, 20.06.1959)

Conceição Evaristo, no documentário já citado, comenta sobre o lenço de CdJ, enfatizando o seu símbolo de submissão, visando a diminuição da autora. A sua fala faz justiça ao pontuar que a própria filha de CdJ, Vera Eunice, afirma que a mãe gostava de usar lenço, mas que era uma mulher vaidosa, procurando estar sempre arrumada. O que Conceição deixa claro, é que o problema não é uma mulher negra usar o lenço, é justamente ao contrário: ela precisa ter liberdade para usar ou não, quando desejar. A questão é que o lenço nesse caso era estimulado, recomendado, enfatizado como uma conotação de redução da identidade de CdJ a uma negra favelada.

Em uma entrevista dada ao programa literário do Centro Cultural Unimed-BH Minas, e registrado pelo “Estado de Minas” de 25.10.2021, Conceição Evaristo “propõe o desvencilhamento da imagem da autora de *‘Quarto de despejo’* construída nos anos 1960”. Uma imagem que reduz CdJ a uma mulher negra, pobre e analfabeta, como se o máximo que ela conseguisse realizar como escritora fosse o registro daquilo que se passava em seu cotidiano - uma interpretação reducionista que impede a percepção mais profunda. Quando ela retrata sobre a fome, por exemplo, não se limita a fome física, mas remete a “uma fome que todos nós sentimos, que é a fome de compreensão da vida, que, no caso dela, passava pela experiência da solidão” (Estado de Minas, MG, 25.10.2021). É preciso valorizar a escrita de CdJ para além do gênero do diário, reconhecendo que há um processo criativo e próprio em sua forma de escrita.

Ainda sobre a imagem do lenço na cabeça, a historiadora Rosa Couto prefere definir CdJ como uma artista inquieta. “Essas imagens reforçam, de alguma forma, essa visão da autora como uma escritora favelada, alimentando um certo fetiche que a mídia branca e racista tem pela pobreza e o sofrimento negros” (REVISTA E, jun/23, p.35). Na ocasião, Couto era entrevistada para a divulgação do lançamento do álbum digital *“Bitita – As composições de Carolina Maria de Jesus”* – Selo Sesc, uma releitura do *“LP Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições”* (Idem). Para a escritora e jornalista Ana Paula Lisboa, sua imagem preferida, que representa melhor a CdJ, “é a do aeroporto: Carolina bem-vestida, de cabelos livres, uma mala no chão, uma revista na mão e uma bolsa bonita, sorrindo,

em frente a um avião da Air France no Aeroporto de Viracopos, em Campinas (SP)” (O Globo, RJ, 25.08.21 *apud* REVISTA E, jun/23, p.36).



Carolina de Jesus antes de embarcar em avião da Air France

Trata-se de uma imagem bem diferente da melancolia retratada na maioria das fotos, o que parece mais justo, pois representá-la dessa forma é um lembrete de que a autora de QdD foi muito mais que uma escritora favelada.

4. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi representar a “imagem” de CdJ nas revistas do fim dos anos 50 e início dos 60. Parte principal desse objetivo, foi demonstrar como essa imagem foi preconceituosamente construída pela mídia brasileira da época, o que afetou gravemente a vida, a carreira e o reconhecimento da autora. O rótulo de “negra e favelada”, utilizado para cercear o espaço em que ela poderia circular e diminuir a sua produção como “não-literária”, representava também, os desafios de ser uma mulher negra, mãe solteira e pobre. Outro ponto a se destacar é a polêmica em tratá-la como uma descoberta de Audálio Dantas, com quem rompeu ao longo da vida, após várias acusações, até hoje não muito bem explicadas. De qualquer modo, Dantas contribuiu para a descoberta de CdJ, que se mostrava fadada a trilhar o seu caminho de escritora e a contribuir mundialmente para o enriquecimento da literatura.

A condição de ser neta de escravos é um dos atributos mais utilizados na descrição da autora, uma imagem importante que denuncia um passado deplorável que

o Brasil parece tentar esquecer. Tom Farias, biógrafo de CdJ, relata o que o racismo pode causar na autoimagem de uma criança negra, iludida pelas falsas promessas da patroa dos seus pais:

A volta para Sacramento [cidade natal, MG] não foi como planejada por Carolina, Cota e José Romoaldo. No caso de Carolina, então, o sonho estabelecido era o de que, conquistando as coisas prometidas pela patroa, a fazendeira Maria Cândida, ela fosse voltar para sua cidade natal muito bem arrumada, com a pele toda branca, os cabelos bem lisos, tipo escorridos, e o nariz afilado, depois da tal cirurgia realizada. Sem dúvida, causaria grande impressão no povinho hipócrita da cidade, sem contar os vizinhos do bairro Chafariz, onde a mãe tinha sua choupana, os primos, os tios etc. Aos coleguinhas de rua que a chamavam de feia, contando os do antigo colégio Allan Kardec, ela iria mostrar quem, afinal de contas, era realmente feia (FARIAS, 2014, p.63).

Carolina de Jesus continua ocupando os mais diversos espaços culturais e artísticos no país. Sobre algumas realizações importantes recentes, vale lembrar dos seguintes episódios: em 2021, a exposição “Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros”, ocupou dois andares do Instituto Moreira Sales; em 2021, a autora foi homenageada pela escola de samba Colorado do Brás com enredo “Carolina – A Cinderela Negra do Canindé”; em 2022, a prefeitura de São Paulo inaugurou uma estátua de Carolina na zona sul; (G1, SP, 18.08.22); e, como citado anteriormente, este ano um álbum com uma releitura das músicas de CdJ, foi lançada pelo selo Sesc.

Carolina vendeu milhares de cópias do seu livro QdD, que foi um *best seller* no Brasil e em vários países. Sucesso que não se repetiu em “Casa de Alvenaria”, um fracasso de vendas atribuído, segundo seu biógrafo, ao conteúdo do livro, diferente do primeiro:

Era um livro que era contra a sociedade estabelecida; a Carolina fazia críticas duras à sociedade porque ela achava que saindo da favela iria encontrar um mundo melhor e ela não encontrou um mundo melhor, e ela relata isso em CdA que é o diário de uma exfavelada. Isso levou a um desencontro e a um desinteresse pela obra dela (TV Brasil, 2020).

Um desabafo da autora, em uma matéria publicada em fevereiro de 1973, traz uma imagem arrasadora – “com os pés sujos de lama, mal-vestida e arruinada, a ex-favelada desabafa: ‘a pior coisa que me aconteceu foi publicar 4 livros’” (Manchete, RJ, 21.04.1973). Um desencanto com o mundo, mas ainda com um sinal de esperança carregando manuscritos em um bloco de papel no bolso. “Digo sempre que vim ao mundo predestinada a catar, cato de tudo, só não consigo catar a felicidade”, diz a autora na entrevista. Palavras dolorosas que retratam uma experiência desastrosa com o sucesso e a fama, cujo resultado foi uma confusão acusada por CdJ, embora ela não esclareça sobre o que significa essa confusão.

De certa forma, a autora cai no esquecimento e só volta à cena próximo à sua morte no final de 1976. Administrou mal o dinheiro que havia ganhado com o primeiro livro e é obrigada a voltar para a favela e a catar papelão novamente.

É importante pontuar que, quando CdJ rompe com Audálio, ela acaba por perder sua autonomia literária. Os editores intervêm no conteúdo e recorte daquilo que

seria ou não publicado. Uma comissão foi organizada pela editora Companhia das Letras para publicar a sua obra completa, buscando-se uma justiça com a obra de CdJ, conservando o máximo possível o texto original da autora, inclusive com textos inéditos: “conselho editorial composto por Vera Eunice de Jesus, filha de Carolina, pela escritora Conceição Evaristo e pelas pesquisadoras Amanda Crispim, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda e Raffaella Fernandez” (Cia das Letras, 2020). Os livros “*Quarto de despejo*” e “*Diário de Bititita*” não fazem parte desse projeto; o motivo não foi informado. Até o momento foi publicado o livro “*Casa de alvenaria*” em dois volumes, com uma edição completamente refeita e ampliada.

Para terminar, queremos oferecer ao leitor uma carta de CdJ, já então no ostracismo, para a redação da revista Realidade (Janeiro de 1968), na qual ela, em sua simplicidade, resume sua posição sobre o racismo. Trata-se de arrancar do esquecimento um texto que poderia ficar inadvertido:

Ainda Sobre o Racismo

Sr. Diretor: o fato de se renegar o homem de cor nos Estados Unidos eu considero mediocridade. Quer dizer que quando Deus criou as raças deveria ter consultado os Estados Unidos para saber quais seriam as raças de sua preferência? Em vez de preocupar-se com o racismo, eles deveriam é procurar melhorar o nível de vida da humanidade. O negro é vítima inocente, pois não prejudicou o branco, não o escravizou, não o transformou em mercadoria. O que preto e branco devem fazer é lutar para que o mundo seja sucursal do paraíso. Preocupar-se com as causas mais objetivas que são o bem estar de todos.

A vida de Carolina de Jesus chega ao fim em 13.02.1977, vítima de uma crise de asma. Conceição Evaristo, diz: “Carolina morrer com uma crise asmática, pra mim eu leio como àquela pessoa que não pôde dizer, Carolina morre engasgada, porque quando ela pode dizer, ela não é entendida” (EVARISTO, 2020).

5. Referências bibliográficas

BALTHAZAR, Ricardo. Audálio revelou Carolina de Jesus e enfrentou ditadura após morte de Herzog. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 de jul. 2021, Humanos da Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/07/audalio-revelou-carolina-de-jesus-e-enfrentou-ditadura-apos-morte-de-herzog.shtml>. Acesso em: 15.04.23.

Barreto, Raquel A. Em data de morte de Marielle nasceram Abdias e Carolina de Jesus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 de mar de 2021, Ilustríssima, Opinião. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/03/em-data-de-morte-de-marielle-nasceram-abdias-e-carolina-de-jesus.shtml>. Acesso em: 23.04.23.

BIBLIOTECA NACIONAL – Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 25.05 2023.

Cia das Letras. *Carolina Maria de Jesus na Companhia das Letras*. Blog da Campanha. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Carolina-Maria-de-Jesus-na-Companhia-das-Letras>. Acesso em: 27.06.23.

CLEMENTE, Mariana B. **Modas e modos de consumo no Brasil do século XX: revistas e a construção de aparências**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015, 360 f.

DANTAS, Audálio. O drama da favela escrito por um favelado. **Folha da noite**, São Paulo, Acervo Folha, 09 de mai. 1958. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=45159&anchor=5458359&pd=e32503a61a0aa11bdeac38cd796dc24>. Acesso em: 13.04.23.

EVARISTO, Conceição. Sobre a morte de Carolina de Jesus. **TV BRASIL**, Caminhos da Reportagem. Carolina de Jesus, a escritora além do quarto. Youtube, 22 de nov. 2020. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=6AvUP-IoYEo>. Acesso em: 17.04.23.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

G1, Globo. Quem foi Carolina Maria de Jesus, uma das mais importantes escritoras do Brasil. São Paulo, 18.08.22. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/08/18/quem-foi-carolina-maria-de-jesus-uma-das-mais-importantes-escritoras-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 03.06.23.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

MIRANDA, Fernanada R. de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. Dissertação (Mestrado em Estudos comparados de literaturas de língua portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013, 160 f.

REVISTA E, Bio. *Perfil da escritora Carolina Maria de Jesus*. Edições Sesc, jun. 2023. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/joia-rara-perfil-da-escritora-carolina-maria-de-jesus/#junho23-integra>. Acesso em: 20.05.23.

SANTOS, Denise B. dos. **Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe. Sergipe, 2019, 129 f.

TV BRASIL, Caminhos da Reportagem. Carolina de Jesus, a escritora além do quarto. Youtube, 22 de nov. 2020. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=6AvUP-IoYEo>. Acesso em: 17.04.23.

Recebido para publicação em 03-07-23; aceito em 07-08-23